

# **A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE HENRIQUE VAZ COMO RESPOSTA AO DETERMINISMO DA PSICOLOGIA MODERNA\***

***Vaz's Philosophical Anthropology as an answer to modern  
Psychology's determinism***

**Gabriel Almeida Assumpção\*\***

## **Resumo**

Pretendemos discutir como a reflexão antropológica vaziana permite tanto salvaguardar um lugar à liberdade quanto mostrar a complexidade do ser humano, sendo um fundamento para a sua ética. De grande importância para essa reflexão sobre ética e psicologia é o papel da razão: Kant teve o mérito de mostrar que a razão não se reduz ao discurso científico moderno, protegendo a moral do determinismo da ciência ao cindir o uso teórico e prático da razão. Assim, a razão prática pura não se reduz ao raciocínio meios-

---

\* Artigo enviado em 25/05/213 e aprovado para publicação em 06/11/213.

\*\* É Bacharel em Psicologia (UFMG) e Mestrando em Filosofia (UFMG), bolsista do CNPq, sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Alves Vieira. E-mail: gabrielchou@gmail.com

fins. Será enfatizada, dessa forma, a importância da herança kantiana no pensamento de Vaz, em contraposição ao determinismo skinneriano e ao freudiano.

**Palavras-Chave:** Determinismo; incondicionado; indeterminação.

## **Abstract**

Our purpose is to discuss how Henrique Vaz's anthropology allows us to consider freedom as a reality for human being, as well as being a grounding for his ethics, thus displaying human being's complexity. The role of reason is of considerable importance for this task: Kant has had the merit of demonstrating that reason is more comprehensive than just scientific discourse, protecting morals from science's determinism, by dividing reason's theoretical and practical use. Therefore, practical reason is not irreducible to means-ends reasoning. Hence, we will emphasize the Kantian legacy in Vaz's thought, in opposition to Skinner and Freud's deterministic postures.

**Keywords:** determinismo; unconditioned; indetermination.

## **Introdução**

Buscamos, com o presente texto, mostrar como o pensamento vaziano confere lugar à liberdade, e como isso se mostra uma herança do idealismo alemão, desde Kant a Hegel, herança essa não implícita, mas assumida pelo próprio pensador. Em seguida, com base no em alguns textos do Padre Vaz, discutiremos o primado da prática sobre a teoria em Kant e a importância de se preservar a liberdade, em uma discussão com a psicologia do século XX, com dois exemplos, Skinner e Freud. Ambos pensadores da psicologia, além de adotarem posturas deterministas, não forneceram uma visão ampla

do ser humano e menos ainda da cultura, reduzindo a cultura ao uma rede de comportamentos ou a um jogo de forças pulsionais.

O princípio de ilimitação tética de Vaz se mostrará de grande valor aqui, para mostrarmos como a indeterminação do ser humano é um desafio à própria ciência e à filosofia e nos conduz de volta ao incondicionado kantiano, ao apontar para a liberdade e para a indeterminação imediata como constitutivas do ser humano. Chamamos também atenção para como a reflexão de Henrique Vaz permite uma discussão sobre o ser humano que evite a unilateralidade, tanto pela própria estrutura da sua *Antropologia* quanto pela abertura que permite em relação ao passado filosófico pela via da rememoração (*Erinnerung*) e em relação ao senso comum e às ciências pela via da pré-compreensão e da compreensão explicativa. A ideia básica, dessa forma é pensarmos a liberdade e seu vínculo com a indeterminação do ser humano.

## I.

O filósofo brasileiro Henrique Vaz, em sua *Antropologia Filosófica*, mostra o estado de crise das ciências humanas por não disporem de uma imagem definida de ser humano. Por meio da disciplina filosófica que se põe a sistematizar, pode-se tentar elucidar melhor quais as diferentes concepções de ser humano ao longo da história da filosofia e da ciência ocidentais e, a partir disto, tentar desenvolver uma reflexão que consiga responder à pergunta: 'o que é o homem?'<sup>1</sup>. A ênfase na importância de se responder a essa pergunta é ilustrada por Vaz, na *Antropologia I*<sup>2</sup> e no seu artigo "Morte e vida da filosofia", no fato de que três perguntas kantianas culminam numa última — 'o que é o homem?'<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> VAZ, H. C. de L. *Antropologia Filosófica I*, pp. 3-8.

<sup>2</sup> VAZ, H. C. de L. *Antropologia Filosófica I*, p. 3.

<sup>3</sup> VAZ, H. C. de L. "Morte e Vida da Filosofia", pp. 13-14.

No caso da psicologia, a questão sobre o ser humano se mostra demasiado fragmentária, posto que cada teoria psicológica dispõe de uma concepção antropológica própria, e de forma predominantemente descritiva, sem uma fundamentação filosófica. A proposta de Vaz propõe uma visão mais sistemática e unificadora do ser humano, em contraposição aos recortes antropológicos que se impõem pela ciência, quando da delimitação que um método impõe. Surgem, no processo, reducionismos, como o naturalismo, que consiste em um reducionismo do fenômeno humano à natureza material como fonte última de explicação (de forma que os genes, a evolução e a biologia molecular conseguiriam enquadrar a totalidade do fenômeno humano — visão mais popular tanto na academia quanto no senso comum), o que observamos nas neurociências. A ênfase no sujeito corresponde ao idealismo, como vemos na psicanálise e na fenomenologia e, a ênfase na forma corresponde ao culturalismo, que observamos na psicologia social. Deparamo-nos com um problema rousseauiano: a técnica avança, mas ainda não conseguimos evoluir nas questões existenciais, humanas e morais<sup>4</sup>.

A dialética usada por Lima Vaz se mostra um importante recurso nessa discussão, ao inserir o homem enquanto sujeito como meio termo, o qual permite evitar os reducionismos. Nas palavras de Herrero, a Antropologia Filosófica nos permite ir “do dado à forma”, ou seja, da contingência empírica da natureza ao horizonte de expressividade e de transcendência da cultura, mas sem negligenciar nenhuma das etapas<sup>5</sup>.

É importante lembrar também que Antropologia de Vaz não descarta o saber não filosófico, pois sua metodologia envolve três níveis de conhecimento do homem: o senso comum (que equivale à *pré-compreensão* que o homem tem de si mesmo); a ciência (que corresponde, em seu sistema, à *compreensão explicativa*) e a filosofia

---

<sup>4</sup> Cf. ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre as ciências e as artes*.

<sup>5</sup> Cf. HERRERO, F. J. “A recriação da tradição na Antropologia Filosófica de Pe. Vaz”, pp. 7-8 e VAZ, H. C. de L., *Antropologia Filosófica I*, pp. 7-10.

(compreensão filosófica). Vaz aponta limites nas ciências humanas e na biologia que decorrem do método e mesmo do objeto, o que restringe as ciências adotarem recortes antropológicos bem limitados, o que se mostra particularmente grave na psicologia. Uma questão que surge é a seguinte: como conciliar os determinismos das ciências biológicas e humanas com os pressupostos fundamentais da ética — razão e liberdade? Pensemos em Kant para ilustrar o legado do idealismo alemão na resposta vaziana.

## II.

De grande importância para essa reflexão sobre ética e psicologia é o papel da razão: Kant teve o mérito de mostrar que a razão não se reduz ao discurso científico moderno, protegendo a moral do determinismo da ciência ao cindir o uso teórico e prático da razão. Assim, a razão prática pura não se reduz ao raciocínio meios-fins. Como diz Vittorio Hösle:

A razão é mais abrangente que a ciência, como Immanuel Kant, o mais importante teórico moderno da complexa arquitetura da razão, mostrou com maestria. A ética, por exemplo, é uma disciplina racional, mesmo que reivindicações valorativas não possam ser reduzidas a reivindicações descritivas, tal como aquelas com as quais a ciência lida – esse é o *insight* duradouro de David Hume.<sup>6</sup>

O primado (*Primat*) entre duas ou mais coisas vinculadas pela razão, para Kant, implica necessariamente que uma coisa seja o fundamento determinante da vinculação desta com todas as demais. Num sentido mais prático, é a prerrogativa do interesse (*das Interesse*) de uma coisa, ao qual o interesse das outras coisas se

---

<sup>6</sup> HÖSLE, V. "The Idea of a Rationalistic Philosophy of Religion and Its Challenges", p. 4. No original: "Reason is more comprehensive than science, as Immanuel Kant, the most important modern theorist of the complex architecture of reason, has masterfully shown. Ethics, for example, is a rational discipline, even if valuatve claims cannot be reduced to descriptive ones such as those dealt with by science—this is David Hume's lasting insight." (tradução nossa).

subordina a ela. A razão, diz Kant, é *Vermögen der Prinzipien*, faculdade de princípios, e determina o *interesse* das demais faculdades do *Gemüt*, e determina a si própria o seu interesse<sup>7</sup>.

Em Kant, o uso prático da razão possui o primado sobre o uso teórico, por ser no âmbito da moralidade, principalmente na busca da produção do sumo Bem (fim último, objeto da vontade determinada pela lei moral, e ainda ligação necessária entre virtude como causa e felicidade como efeito), que as questões mais importantes da vida se efetivam: liberdade, imortalidade da alma e existência de Deus. Kant fala da importância da crença em nome dos interesses práticos, desde que nunca assuma o posto de conhecimento<sup>8</sup> O primado da prática sobre a teoria e o desprezo por demonstrações metafísicas da efetividade de Deus são, em parte, herança de Rousseau. Sobre a leitura de Rousseau por Kant, diz Vaz:

Dela, Kant recebe algumas das ideias fundamentais que estarão presentes na refundação crítica da Ética: a experiência da *moralidade* como constitutiva da essência do homem como ser livre e, conseqüentemente, a separação entre a moral e civilização, a superioridade da moral (ou da razão prática) sobre a ciência (ou a razão teórica), o conceito de *autonomia* implícito no conceito de *liberdade moral*.<sup>9</sup>

Para concebermos a liberdade, em Kant, devemos considerar o conflito da terceira antinomia, da *Crítica da razão pura*. Segundo a tese, a causalidade segundo leis da natureza não é a única da qual os fenômenos do mundo derivam. Deve haver outra causalidade, a da liberdade<sup>10</sup> De acordo com a antítese, a única causalidade possível dos fenômenos é a da natureza.

Se a única causalidade possível fosse a natureza, cada evento novo seria determinado por outro no tempo, segundo leis necessárias. Os fenômenos determinam exclusivamente a vontade,

---

<sup>7</sup> KANT, I. *Kritik der praktischen Vernunft* A 215s (daqui em diante, *KpV A*).

<sup>8</sup> KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft* B 492ss (daqui em diante, *KrV B*).

<sup>9</sup> VAZ, H. C. de L. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*, p. 321. Grifos do autor.

<sup>10</sup> KANT, I. *KrV B* 472.

nesse caso. Negar a liberdade transcendental, nessa perspectiva, seria negar a liberdade prática. A liberdade prática, por sua vez, pressupõe que, embora algo não tenha ocorrido, deveria ter ocorrido, e que a causa de tal acontecimento no âmbito dos fenômenos não é de monopólio da natureza, mas também é causado por nossa vontade<sup>11</sup>.

A causalidade mediante a liberdade permite iniciar uma nova série causal espontaneamente. A possibilidade da liberdade não diz respeito à psicologia, mas à filosofia transcendental, já que é um problema ontológico, o qual reside em argumentações dialéticas da razão pura. Ora, se esse progresso foi vetado ao uso especulativo da razão, não haveria possibilidade no “conhecimento prático da razão”? Aqui, deve haver dados o suficiente para determinar o conceito da razão do incondicionado, e nos permitir ir além dos limites da experiência possível, *ainda que apenas sob um ponto de vista prático (aber nur in praktischen Absicht)*. A razão, no uso especulativo, deixou espaço para tal extensão e, se o deixou vazio, não obstante somos convocados a ocupá-la com dados práticos da razão<sup>12</sup>.

Ao abrir espaço para a liberdade mediante a ontologia das coisas-em-si e a noção de mundo inteligível, Kant se torna um metafísico da liberdade. Não um metafísico do saber teórico, mas um metafísico da crença moral, da fé racional pura (*reine Vernunftglaube*). Ainda que não partilhe da ontologia kantiana, Vaz reconhece o mérito do filósofo:

(...) Kant retoma no século XVIII, conquanto em clima intelectual e conjuntura filosófica inteiramente diferentes, o intento platônico de uma metafísica do Bem que fora subordinada, a partir de Aristóteles, à metafísica do Ser. Nessa ordem das ideias, é permitido pensar que a herança platônica será acolhida por Kant na doutrina da *primazia* da Razão

---

<sup>11</sup> KANT, I. *KrV* B 562ss.

<sup>12</sup> KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*, B xxi-xxi.

prática, ápice de sua metafísica da liberdade. Kant reencontra, pois, Platão no campo da Razão prática<sup>13</sup>.

Kant tem o mérito de, ainda que tenha vetado o conhecimento teórico do absoluto, tê-lo restituído na forma do incondicionado prático. Agora, voltemos à psicologia e à *Antropologia Filosófica* de Vaz.

### III.

A noção kantiana do incondicionado será legado inquestionável na história do idealismo alemão. O jovem Schelling, por exemplo, o colocará como essência do ser humano, mostrando que o incondicionado (*das Unbedingte*) faz do homem não ser uma coisa (-*Ding*): "Ora, uma filosofia, a qual põe como seu primeiro princípio a afirmação de que a essência do homem consiste apenas em liberdade absoluta, que o homem não é nenhuma coisa (*Ding*), nenhum objeto (...)"<sup>14</sup>

Vaz mostrará como o ser humano é irreduzível a apenas uma etapa de uma teorização. Ele não é apenas seu corpo, embora também o seja. Da mesma forma, não é apenas o psiquismo, embora o seja também<sup>15</sup>. Apenas com as categorias de estrutura, já podemos ver como o ser humano é complexo e irreduzível às grades conceituais e categoriais da psicologia. Dois exemplos serão extraídos de dois dos mais célebres psicólogos do século XX:

Freud, por exemplo, reduzirá a moral à internalização de valores pelo Superego/Supereu (*Überich*), reduzindo a moralidade a uma instância moral psíquica na qual se sedimentam experiências, tanto individuais quanto coletivas, como se observa já de forma

---

<sup>13</sup> VAZ, H. C. de L. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*, p. 333-334n. Grifo do autor.

<sup>14</sup> SCHELLING, F. *Vom Ich oder Über das Unbedingte im Menschlichen Wissen*, 78s. "Einer Philosophie nun, die als ihr erster Princip die Behauptung aufstellt, dass das Wesen des Menschen nur in absoluter Freiheit bestehe, dass der Mensch kein Ding, keine Sache, und seinem eigentlichen Seyn nach überhaupt kein Object seye (...)" (tradução nossa, grifos do autor). Parece haver jogo de palavras com coisa (*Ding*) e incondicionado (*Unbedingt*).

<sup>15</sup> VAZ, H. C. de L. *Antropologia Filosófica I*, p. 166, 177, 214.

rudimentar no prefácio a *Totem e Tabu* e de forma mais madura em textos como *O Eu e o Isso*<sup>16</sup>. Por negligenciar a dimensão do espírito, o psicanalista reduzirá a cultura a um jogo de forças pulsionais, um embate entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, o que é o caso, por exemplo, no *Mal-estar na Cultura*<sup>17</sup>. E ainda proporá o determinismo no âmbito não cosmológico, como no estoicismo ou em Espinosa, mas psicológico, no capítulo XII da *Psicopatologia da vida cotidiana*<sup>18</sup>.

Skinner, em seu texto *Beyond Freedom and Dignity*, tratará da liberdade meramente no sentido de 'poder fazer o que se quer', não no sentido de autodeterminação, de autonomia da vontade. Enfatizando a dimensão externa do comportamento humano, confere pouco papel à subjetividade transcendental, e enfatiza os padrões de reforçamento, punição e extinção de comportamentos alheios<sup>19</sup>. Note-se, todavia, que em Skinner e em muitos outros teóricos de análise do comportamento, foi-se sofisticando e abrindo mão de um determinismo em detrimento da variação aleatória.<sup>20</sup>

Na ambição de serem psicologias científicas, tanto Skinner quanto Freud diminuem severamente a consciência, não chegando sequer a conferir valor à consciência de si, que seria reduzida, na melhor das hipóteses, a comportamento encoberto (Skinner) ou a um delírio paranóico (Freud). Os dois psicólogos abrem mão da liberdade no sentido de autodeterminação e, abrindo mão da liberdade, reduzem a moral a um jogo de forças exteriores ao indivíduo (exteriores, mesmo que psíquicas. Exteriores à subjetividade transcendental). A meu ver, isso em grande parte vem da negação do supracensível e do horizonte de transcendência, da parte desses pensadores. A ideia vaziana de que a ética necessita de uma fundamentação metafísica se faz presente aqui. Vaz, além de

---

<sup>16</sup> Cf. FREUD, S. *Das Ich und Das Es*; cap. IV-V; *Totem und Tabu, Vorrede*.

<sup>17</sup> Cf. FREUD, S. *Das Unbehagen in der Kultur*, cap. V-VIII.

<sup>18</sup> Cf. FREUD, S. *Zur Psychopatologie des Alltagslebens*, cap XII.

<sup>19</sup> SKINNER, B. F. *Beyond Freedom and Dignity*, pp. 31-47.

<sup>20</sup> MOXLEY, R. A. "Skinner: From Determinism to Random Variation", pp. 3-28.

acentuar o papel da liberdade e da razão na moral, mostra a riqueza e dinamismo do ser humano, algo que a psicologia têm perdido de vista cada vez mais, em prol da técnica. É importante, nesse novo século, retomarmos o incondicionado do séculos XVIII e XIX, e não apenas os condicionamentos do século XX. Pensadores como Kant e Padre Vaz conseguiram fazer mais jus à multiplicidade da experiência humana que muitas vertentes da psicologia moderna<sup>21</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. *Das Ich und das Es*. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/932/1>. Acessado em: 23 Mai 2013.
- \_\_\_\_\_. *Das Unbehagen in der Kultur*. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/922/1>. Acessado em: 23 Mai 2013.
- \_\_\_\_\_. *Totem und Tabu*. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/931/1>. Acessado em: 23 Mai 2013.
- \_\_\_\_\_. *Zur Psychopatologie des Alltagslebens*. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/923/12>. Acessado em: 23 Mai 2013.
- HERRERO, Francisco Javier. "A recriação da tradição na Antropologia Filosófica de Pe. Vaz". *Síntese – Revista de Filosofia*. v. 30, n. 96, 2003: 5-12.
- KANT, I. *Kritik der praktischen Vernunft*. Stuttgart: Reclam, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Kritik der reinen Vernunft*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1974.
- HÖSLE, Vittorio. *God as Reason: Essays in Philosophical Theology*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2013.
- MOXLEY, R. A. "Skinner: From Determinism to Random Variation". *Behavior and Philosophy*, v. 25, n. 1 (1997): 3-28. Disponível em:

---

<sup>21</sup> Dedico o trabalho a Zita, a Wanda, a Bruno, Aldair, Gabriela, Adriano, Rogério e Padre Elton. Obrigado pelo bom convívio na Biblioteca Padre Vaz.

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/27759362?uid=3737664&uid=2134&uid=368815371&uid=2&uid=70&uid=3&uid=368815361&uid=60&sid=21102250476901>

ROUSSEAU. J.-J. *Discurso sobre as ciências e as artes*. In. ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Discurso sobre as ciências e as artes. Volume II*. Trad. Lourdes de S. Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2000, pp. 185-214. (Col. Os Pensadores).

SHELLING, F. W. J. *Vom Ich als Prinzip der Philosophie oder über das Unbedingte im menschlichen Wissen*. In. SCHELLING, F. W. J. *Friedrich Wilhelm Joseph Schelling Historisch-Kritische Ausgabe*. Reihe I: Werke 2. Hartmut Buchner; Jörg Hantzen (Hrsg.), pp.1-175. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1980.

SKINNER, B. F. *Beyond Freedom and Dignity*. Victoria: Penguin Books, 1971.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica* vol. I. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. "Morte e Vida da Filosofia". *Pensar – Revista Eletrônica da FAJE* v. 2. n. 1 (2011): 08-23.